

FACULDADE JK DE TECNOLOGIA

UNIÃO NACIONAL DE ANALISTAS TRANSACIONAIS –

UNAT – BRASIL

O CONCEITO DE CARÍCIAS E A TEORIA DO APEGO NO
PÓS-GRADUAÇÃO EM ANÁLISE TRANSACIONAL

**O CONCEITO DE CARÍCIAS E A TEORIA DO APEGO NO
CONTEXTO DA MATERNIDADE**

Artigo de conclusão de curso apresentado à
União Nacional de Analistas Transacionais - UNAT
como parte do curso de
Pós-Graduação para obtenção do título de
Especialista em Análise Transacional.

Orientador: Eduardo Búrigo.

MARILÉIA OLIVEIRA

CRICIÚMA – SC

2014

**O CONCEITO DE CARÍCIAS E A TEORIA DO APEGO NO
CONTEXTO DA MATERNIDADE**

**THE CONCEPT OF CARESSES AND AFFECTION THEORY IN THE
CONTEXT IN MOTHERHOOD**

**O CONCEITO DE CARÍCIAS E A TEORIA DO APEGO NO
CONTEXTO DA MATERNIDADE**

UNAT - BRASIL - UNIÃO NACIONAL DE ANALISTAS TRANSACIONAIS

RESUMO

A maternidade é um conceito psicossocial e traz muitas transformações na vida da mulher. Desde esse podem-se citar as mudanças físicas, biológicas, psicológicas, emocionais e até mesmo sociais. Envolve a mulher e o casal que passa a assumir a responsabilidade pela vida de uma nova pessoa que vai nascer. O presente trabalho tem como objetivo relacionar o conceito de carícias (AT) à teoria do apego no contexto da maternidade. A metodologia utilizada foi a bibliográfica. Com base na bibliografia concluiu-se que a demonstração de carinho e de atenção adequada é fundamental para o desenvolvimento adequado da criança.

Artigo de conclusão do curso apresentado à Faculdade JK de Tecnologia e à União Nacional de Analistas Transacionais – UNAT – BRASIL como requisito parcial do curso de Pós-Graduação para obtenção do título de especialista em Análise Transacional.

PALAVRAS-CHAVE: Maternidade, Carícias, Apego

Orientador: Eduardo Búrigo.

ABSTRACT

The maternity is a psychosocial concept and brings many transformations in the life of the woman. Amongst them, the changes can be cited biological, psychological, emotional and even though social changes. It also involves the couple that starts to assume the responsibility for the life of a new person who goes to be born. The present work is intended in the scope of the Psychology of the development, in which it treated one of the instruments, Carresses, of the bearing Transactional Analysis. The objective of the study was to relate the concept of carresses (AT) to the theory of the attachment of the infant development. The used methodology was a qualitative study by means of bibliographic research. On the basis of the consulted bibliography was concluded that during the gestation and after the important thing for the child is the adoption of the mother since birth to take care that is, the touch, the strokes, the demonstration of affection and attention. The attachment is the result of the act of adequate caregiver.

WORD-KEY: Maternity, Carresses, Attachment

CRICIÚMA – SC

Faculdade JK de Tecnologia - Pós-Graduação em Análise Transacional - Faculdade JK e UNAT Brasil
E-mail: marilidiaoliveira@unat.org.br

2014

O CONCEITO DE CARÍCIAS E A TEORIA DO APEGO NO CONTEXTO DA MATERNIDADE

THE CONCEPT OF CARESSES AND AFFECTION THEORY IN THE CONTEXT IN MOTHERHOOD

MARILÉIA OLIVEIRA¹

FACULDADE JK DE TECNOLOGIA

UNAT – BRASIL – UNIÃO NACIONAL DE ANALISTAS TRANSACIONAIS

RESUMO

A maternidade é um conceito psicossocial e traz muitas transformações na vida da mulher. Dentre elas podem-se citar as mudanças físicas, biológicas, psicológicas, emocionais e até mesmo sociais. Envolve também o casal, que passa a assumir a responsabilidade pela vida de uma nova pessoa que vai nascer. O presente trabalho insere-se no âmbito da Psicologia do desenvolvimento, no qual se utilizou o conceito de Carícias da AT, à teoria do apego, do desenvolvimento infantil. A metodologia utilizada foi um estudo qualitativo por meio de pesquisa bibliográfica. Com base na bibliografia consultada concluiu-se sobre, a gestação e após o nascimento como são importantes as atitudes da mãe para com o seu bebê, ou seja, o toque, os afagos, a demonstração de carinho e de atenção. O apego é o resultado deste conjunto de Carícias adequadas.

PALAVRAS-CHAVE: Maternidade. Gestação. Carícias. Apego.

ABSTRACT

The maternity is a psychosocial concept and brings many transformations in the life of the woman. Amongst them the changes can be cited biological, psychological, emotional and even though social physical. It also involves the couple, that starts to assume the responsibility for the life of a new person who goes to be born. The present work is inserted in the scope of the Psychology of the development, in which if it used one of the instruments, Caresses, of the boarding Transacional Analysis. The objective of the study was to relate the concept of caresses (AT) to the theory of the attachment, of the infantile development. The used methodology was a qualitative study by means of bibliographical research. On the basis of the consulted bibliography was concluded that during the gestation and after the important birth the quão is the attitudes of the mother stops with its future baby, that is, the touch, the afagos, the demonstration of affection and attention. The attachment is the result of this set of adequate caresses.

WORD-KEY: Maternity. Gestation. Caresses. Attachment.

¹ Psicóloga CRP 12/12560 -. Pós-Graduada pela Faculdade JK e UNAT Brasil.
E-mail: marileiaoliveira@engeplus.com.br

Introdução

O ser humano, por essência, dispõe de um processo único na natureza, a personalidade. Embora seja específica, individual a cada um, ela se forma mediante a aceitação ou não de aprendizados. Devido a isto, os estudiosos, já há algum tempo, vêm investigando os reflexos que a maternidade traz ao nascituro.

Sabe-se que a maternidade não é só uma ação de ordem biológica, mas que vem impregnada de novos adereços, desde a concepção, gestação e parto, causando efeitos no corpo da mulher, na conjugalidade/relacionamento do casal, no seio familiar, e outros.

O conceito de maternidade é historicamente construído (LANGER, 1986). Ela pode ser considerada uma transição que faz parte do processo normal do desenvolvimento e envolve a necessidade de reestruturação e reajustamento em várias dimensões, como a identidade e a definição de papéis, tanto para a mãe como para o pai. (PAVESI, 2009).

Este artigo busca apresentar as consequências que as Carícias, positivas ou mesmo negativas, que são conceitos da Análise Transacional (AT), e os apegos (Teoria do Apego), causam à mãe e ao feto/bebê, tanto na fase gestacional quanto na fase inicial de sua vida.

A Análise Transacional (AT) é definida como uma teoria do desenvolvimento da personalidade e um sistema de técnicas destinadas a ajudar as pessoas a compreender e modificar seus comportamentos, uma filosofia de vida e um método clínico de psicoterapia baseado na análise de todas as possíveis Transações entre duas ou mais pessoas. (BERNE, 1985).

É com base neste estudo que mostraremos as consequências que as Carícias e os apegos trazem no contexto da maternidade.

A Maternidade

Ao discutir o conceito de maternidade, Langer (1986) chama a atenção para o fato de que esta é historicamente construída, ultrapassando a questão biológica. No aspecto biológico, contempla o período gestacional, quando há

evolução do feto, da concepção ao momento do parto. O período de gestação pode ser interpretado como um período em que a mulher se prepara psicologicamente para todo o período de maternidade (PICCININI *et al.*, 2008), de reestruturação da vida da mulher, em que a gravidez imprime mudanças biológicas, somáticas, psicológicas e sociais. (BIBRING *et al.*, *apud* PICCININI *et al.*, 2008).

No processo da conjugalidade, no que diz respeito ao relacionamento do casal, a gravidez, conforme Eiras (1983 *apud* TACHIBANA, SANTOS e DUARTE, 2006), pode ajudar de alguma maneira a relação. Para Mondardo; Lima (1998, *apud* TACHIBANA, SANTOS e DUARTE, 2006), um bebê é visto como união do casal e expressão de amor.

Confirmada a gravidez, e mesmo após, afloram as sensações e as emoções, que passam pela euforia, empoderamento, apreensões e receios. (MALDONADO, DICKSTEINS e NAHOUN, 1997).

Há preocupações nos primeiros meses quanto ao estado físico do feto, causando mau humor e, em alguns casos, retardo na formação do vínculo afetivo. (KLAUS; KENNEL, 1993).

Há que existir uma estratégia na união do casal. Para Piccinini *et al.* (2008), esta estratégia envolve o companheiro, nos aspectos psicológicos (se adaptando ao emocional da companheira) e materiais (auxílio na execução de tarefas).

Conforme Maldonado, Diicksteins e Nahoun (1997), a gravidez envolve a família, inclusive os avós e suas percepções de vida, bem como os irmãos, pois podem sentir ciúme, raiva, falta de atenção, dentre outros sentimentos. Mesmo antes de ficar grávida, a mulher imagina-se, de alguma maneira, tendo um bebê. É nesse momento que surgem alguns questionamentos a respeito de como ele seria, se seu papel de mãe seria desenvolvido de forma adequada, se teria responsabilidade suficiente para cuidar de alguém tão indefeso e dependente de cuidado e atenção, e outros.

Para Arruda (1985), os valores e as crenças que fazem parte do cotidiano das pessoas que integram a família é que vão servir de referência a este bebê que está por chegar.

Quanto ao pai, este deve estar consciente da gravidez e seus efeitos. Pode sentir ciúmes ou questionamentos, especialmente quando vislumbra a

dependência futura em tempo integral, sublimado, porém, com os movimentos físicos do bebê. (BARBATO, 2003). Como se sabe, todas as emoções e os sentimentos, sejam eles de amor, raiva, dor, saudade, alegria, ansiedade, enfim, todos eles refletem no sistema nervoso de quem os sente. (BARBATO, 2003) e (MALDONADO, 1989).

Segundo Tornquist (2002), o parto e o nascimento podem ser vistos como eventos fisiológicos e naturais, porém, atualmente, muitas mulheres têm optado por um método que trará conforto para si e, principalmente, sua segurança e a do bebê.

Por sua vez, o puerpério, como é chamado o pós-parto, consiste no período que abrange em torno de 40 dias. Conforme o tempo passa, a mãe acaba por retomar à vida que tinha anteriormente. (WINNICOTT, 1956, *apud* GRANATO & AIELLO-VAISBERG, 2003).

Portanto, considerando os aspectos associados à maternidade, é possível verificar as muitas mudanças que ocorrem na vida da mulher, do casal e da família. A transição que ocorre na vida dos pais é muito grande e traz muitas expectativas, anseios e temores para ambos. (MALDONADO, DICKSTEINS e NAHOUN, 1997).

Historicamente, a maternidade também teve significados. Segurança financeira e auxílio no trabalho, nas sociedades rurais (KNIBIELRAHER, 1977, *apud* SCAVONE, 2001); na idade média, exercia-se o papel natural de mulher como mãe, ou seja, a função social feminina (GIDDENS, 1993, *apud* SCAVONE, 2001); na Sociedade industrial, a mulher voltou-se também para o lado profissional ou pessoal Scavone (2001). Nos anos de 1930 para cá, com todo o movimento feminista, as mulheres foram se tornando mais autônomas com relação às suas escolhas no processo de maternidade (BORTOLETTO, 1992, *apud* TACHIBANA, SANTOS e DUARTE, 2006). Nos dias atuais, ser mãe é opção, inclusive envolvendo valores, conforme Teixeira (*apud* SMEHA; CALVANO, 2009).

Alina Chenu (1986, p. 121), "a definição de criança e a desqualificação, se a primeira é provida a segunda é anulado". Desqualificar é impedir a outra pessoa de crescer. A desqualificação ocorre quando "a resposta é inadequada ou não corresponde ao estímulo que se originou. Toda desqualificação é uma

Carícias

Para a Análise Transacional, um dos conceitos-chave e estruturantes da personalidade é o conceito de Carícias. Para Berne (1976), quando uma pessoa está privada de carícia ela adocece.

Segundo Minicucci (1979), as Carícias são uma unidade de atenção que proporcionam estimulação ao indivíduo. Esta estimulação - que pode ser expressa em forma de um toque, demonstração de carinho, afeto e atitudes - é essencial desde a gestação até o momento do nascimento.

Para Kertész (1987), as Carícias se constituem como trocas do organismo com o ambiente, desde as trocas de estímulos sociais até a energia vinda dos nutrientes, como os alimentos, a água e o oxigênio. Quando o indivíduo reconhece uma pessoa automaticamente ele está qualificando a existência dela por meio de um dos modos de Carícia. Todo ser humano depende das Carícias para sobreviver. É destas Carícias que vem a essência das relações humanas, as quais as fazem tornarem-se tão essenciais.

As Carícias, de acordo com Crema (1985), podem ser classificadas em Positivas, Negativas e Falsas Carícias. As Negativas se subdividem em Agressivas e de Lástima.

As Carícias Positivas trazem sensações de bem-estar, o que reflete de forma positiva na autoestima de quem está recebendo tais Carícias, ou seja, palavras carinhosas, carinho, entre outros. Nas Carícias Negativas existe mal estar, tristeza por parte de quem recebe estas Carícias, o que diminui a autoestima e a confiança. Este tipo de Carícia Negativa pode ser Agressiva ou de Lástima, o que Crema (1985) explica da seguinte maneira: a primeira, a Carícia Agressiva, causa danos, sejam eles físicos ou morais, o que traz sofrimento; a segunda, de Lástima, acaba confortando de certa maneira quem recebe a Carícia. Desse modo, segundo Crema (1985, p.85), as Carícias de lástima, acabam "ocultando intenções de desvalorização e desqualificação, impedindo o crescimento da pessoa".

Ainda Crema (1985, p. 18), "a antítese da carícia é a desqualificação, se a primeira é provida a segunda é antivida". Desqualificar é impedir a outra pessoa de crescer. A desqualificação ocorre quando "a resposta é inadequada ou não corresponde ao estímulo que a originou. Toda desqualificação é uma

resposta não pertinente que tem por função básica o não reconhecimento da existência do outro". (CREMA, 1985, p.17).

A desqualificação é dividida em interna, que acontece em nível intrapessoal, em que o indivíduo faz diálogos internos; e externo, que acontece entre duas ou mais pessoas, ou seja, em nível interpessoal.

Por fim, existem as falsas Carícias, que embora pareçam positivas, são utilizadas com o intuito de conseguir alguma vantagem oculta.

Diante disso, Crema (1985) assenta que os indivíduos preferem as carícias negativas ou falsas quando existe a falta das Carícias Positivas. Como exemplo, ele cita a criança que, diante da indiferença dos pais ou familiares, prefere se comportar de maneira inadequada de modo a levar uma surra, que embora cruel e dolorida, representa reconhecimento da sua existência. Naquele momento ela sofre, mas sente que está viva.

Outra classificação, sugerida por Kertész (1987), é de que as Carícias podem ser classificadas em Adequadas e Inadequadas. A diferença entre as duas é que a primeira não desqualifica o *self* (ego) do indivíduo, validando sua existência, mas orientando quanto a determinados comportamentos. Já as inadequadas são fontes de desqualificação, atingindo o *self* (ego) da pessoa.

As adequadas se subdividem em incondicionais, que são Carícias espontâneas e não objetivas, não querendo nada em troca, e as condicionais, que são Carícias fornecidas pelo indivíduo esperando algo em troca, sendo que, na maioria das vezes, tem como objetivo reforçar alguma conduta.

As Carícias, também denominadas de afagos (CARACUSHANSKY, 1981), podem aparecer de forma positiva, sendo expressas através de comportamentos verbais e não verbais; palavras, gestos e toques (GOULDING; GOULDING, 1985).

Contudo, como a Carícia é uma forma de estimulação do ser humano, Woolams; Brown (1979) ressaltam em seus estudos que uma Carícia negativa é melhor do que a falta de Carícia, ou seja, se um indivíduo é privado de estímulos, mesmo os afagos negativos, conseqüentemente isso poderá levá-lo a enfermidades.

Mesmo estando ciente da importância das Carícias na vida do ser humano, Steiner (1976) ressalta que, atualmente, nas sociedades existem muitas

formas de manipulações sociais e psicológicas dos seres humanos mostrando que a troca de afagos tem sido controlada com o objetivo de criar seres humanos que se comportem de modo desejável para o bem social e não para com as pessoas com as quais se relacionam.

Portanto, se a criança quando nasce não recebe Carícias do meio social, ou seja, se ela não for alimentada, estimulada e elogiada ocorre atraso em seu desenvolvimento, pois estas "são formas de obter o reconhecimento de nossa existência como parte de um todo, ou seja, seres interdependentes de um meio social". (KERTÉSZ, 1987, p.72).

Diante disso, é muito provável que mais tarde surjam patologias. Choro intenso e, em casos extremos, os bebês se negam a alimentar-se. Por esse motivo, fica claro que tocar, acariciar e olhar nos olhos da criança é indispensável para a saúde física e mental desta. (CREMA, 1985).

O autor afirma ainda que há uma insuficiência generalizada de Carícias em nossa cultura, especialmente quanto às Carícias Físicas. Essa carência afetiva reflete na consciência e no equilíbrio psicossomático da pessoa, e até mesmo no seu esquema corporal, que tenderá a ser deficiente e atrofiado. Este alheamento de toque e sensibilidade, de modo geral, limita em aproximadamente dez por cento a capacidade para o indivíduo amar e desenvolver-se, segundo Perls (*apud* CREMA, 1985).

Para Kertész, (1987), os bebês desde o momento em que são concebidos, precisam das carícias adequadas (principalmente), pois elas aumentam o bem-estar a longo prazo.

Diante do exposto, pode-se dizer que as carícias condicionais positivas, as incondicionais positivas e também as Carícias Negativas, dependendo de como os progenitores as conduzem no seu relacionamento com a criança, vão produzir o apego seguro, em que a responsividade materna adequada torna-se necessária para o vínculo entre mãe e filho. (BOWLBY, 1989).

Desse modo, para a Análise Transacional, as primeiras Carícias são recebidas pelo bebê no útero de sua mãe, onde o corpo da mãe alimenta o bebê que o acaricia através do toque e da fala. Se a criança, quando nasce, não receber Carícias do meio social, ou seja, se não for alimentada, estimulada, conforme Kertész (1987), ocorrem diversos atrasos em seu desenvolvimento físico, social, emocional.

A Teoria do Apego

A teoria do apego, aqui assentada, situa-se na psicologia do desenvolvimento, considerando a relação mãe-bebê e a qualidade dos vínculos afetivos entre eles. O vínculo entre mãe e filho é essencial para que o bebê seja nutrido e se sinta protegido, o que o faz aprender a se comportar de forma adaptativa no meio onde vive. (LEVINE *apud* DAVIDOFF, 2001). Tem sua história iniciada por John Bowlby, entre as décadas de 1930 e 1940. No ano de 1951, uma solicitação da Organização Mundial de Saúde (OMS) acerca de uma pesquisa sobre os cuidados maternos concluiu que o cuidado materno inadequado durante a primeira infância gera desconforto intenso nas crianças. (BOWLBY, 1989).

Os efeitos da privação materna puderam ser discutidos a partir da famosa experiência com os macacos *rhesus*. Nesse experimento comprovou-se que os estímulos são essenciais à subsistência humana, sendo que todo indivíduo possui uma fome de estímulos, assim como uma fome de contato físico. O experimento aplicado consistiu em colocar alguns macacos recém-nascidos em gaiolas separadas, onde alguns deles foram alimentados com mamadeiras ligadas a uma "mãe" de arame; outros por uma "mãe" com formas de tecido confortável e aveludada. Porém, todos os macacos tinham acesso igual à mãe de tecido macio e à mãe de arame. Após um tempo de observação, percebeu-se que todos os macacos comiam e cresciam na mesma proporção, porém os macacos passavam mais tempo com a mãe que possuía uma superfície aveludada do que com a mãe de arame. (SPITZ, 2000).

Através do conforto que os macacos demonstravam quando estavam próximos à mãe aveludada, Spitz, (2000), concluiu o quão importante é o contato corporal, sendo esse aplicado ao sentimento de apego entre mãe e filho. Esse apego é influenciado por muitas variáveis, as quais possuem a contribuição da mãe e da criança.

Apego, portanto, é definido como um sistema do comportamento do indivíduo que organiza a si próprio, tendo assim uma função no que diz respeito ao desenvolvimento de adaptação. Este, portanto, através da busca constante da criança, é uma construção de proximidade e exploração do ambiente no qual está inserida. (BOWLBY, 1989).

Assim, crianças que foram privadas das carícias por um período longo apresentaram problemas de comportamento e de desenvolvimento (PAPALIA; OLDS, 2000).

Para Klaus; Kennel (1993), o apego é o laço íntimo que existe naturalmente entre os pais e o bebê. Entre os comportamentos de apego que servem para manter contato e demonstrar afeição para com o outro, os autores citam o carinho, o beijo, o aconchego e até mesmo um olhar.

Ainsworth (1978 *apud* OLIVEIRA,2003) diz que, reconhecendo as características dos padrões de apego é possível identificar o tipo de interação mãe-filho desta relação. Os padrões de apego citados pela autora são: seguro e inseguro. Sendo este um tipo de apego inseguro ambivalente, inseguro evitativo e um outro apego desorganizado.

O apego seguro acontece quando a criança explora de forma ativa a presença da figura de afeição, ou seja, a mãe. Possui ansiedade, mas não de forma intensa quando existe uma separação. Nos episódios de separação, o reencontro com a mãe é caracterizado por busca de contato, proximidade e facilidade, para ser reconfortada por ela. Para a formação do apego seguro é necessário na vinculação mãe-bebê uma responsividade materna adequada, ou seja, a mãe estar disposta a oferecer resposta e ajuda (Ainsworth,1978 *apud* OLIVEIRA, 2003).

O apego inseguro é caracterizado quando a mãe responde de modo inconsistente e imprevisível. A mãe não se mostra confiável. A insegurança na resposta que pode receber afeta primariamente seus sentimentos, em destaque se eventualmente negativos. O modo de agir, o comportamento inconstante da mãe, que muitas vezes não consegue conter ou tolerar as manifestações de fúria, zanga ou até mesmo dependência dos filhos, gera precocemente uma inafetividade bebê-mãe. Muitas vezes, também, as mães não conseguem diferenciar os sentimentos das ações, gerando, por conseguinte, um efeito destruidor real, de tal sorte que, inevitavelmente, a criança, pelo processo psíquico, atribui a si mesma um valor inferior, menor, sentindo-se obrigada a conter ou mesmo reprimir seus sentimentos (Ainsworth,1978, *apud* OLIVEIRA,2003).

Outra forma de apego inseguro é o apego ambivalente. Conforme Parkes (1996, *apud* OLIVEIRA, 2003), caracteriza-se por conter comportamentos

alternados entre ansiedade (proximidade) e raiva (afastamento). Exemplo desse modo são crianças que procuram sinais de que a mãe mostra cuidados e ficam atentas e ligadas a isso. Como manifestação acabam afastando outros relacionamentos que poderiam ser mais acolhedores. Desse modo, há um constante movimento entre amor e ódio, em que o infante não pode preservar o amor devido à raiva, daí não consegue integrar esses dois sentimentos.

O apego inseguro evitativo é caracterizado por uma escassa ou nula ansiedade diante da separação, pela ausência de uma clara preferência pela mãe frente aos estranhos e pela evitação desta no reencontro. Isso acontece em virtude da manifestação de uma falsa independência, não protegendo a criança da ansiedade. Conforme Bowlby (1989), expressar sentimentos como raiva, fragilidade, carência, adicionada à recusa sentida pela criança quando a mãe não lhe oferece acolhimento e conforto, são traduzidas em sentimentos de desvalia, inadequação e levam a criança a reprimir sua necessidade de amor e dependência. A raiva, surgida das frustrações, não pode se manifestar, pois assim ocorrendo, trará mais recusa e dor.

O denominado apego desorganizado, por sua vez, caracteriza-se pela desorientação que as crianças apresentam nos reencontros com as mães. Estas crianças, por exemplo, aproximam-se evitando o olhar. Na maioria das vezes, podem buscar proximidade para depois fugir e evitar a interação, pois a mãe demonstra um comportamento sempre instável. (BOWLBY, 1989). A mãe não pode conter e tolerar as manifestações de raiva e de dependência dos filhos. Isso acaba fazendo com que a criança atribua um valor menor a si mesma e sinta-se obrigada a reprimir esses sentimentos sem aprender a lidar com eles de maneira adequada. (KAREN, 1998 *apud* OLIVEIRA, 2003).

Diante dos tipos de apego, os seguros e inseguros, Ainsworth (1978 *apud* DALBEM; DELL'AGLIO, 2005) concluiu que mães com apego seguro foram mais responsivas e sensíveis aos seus filhos, o que não acontece com as de apego inseguro. Portanto, o tipo de apego não afeta apenas o comportamento da mãe, mas também o significado que ela atribui ao comportamento do filho. Consequentemente, mudar o modelo interno de apego da mãe influencia no modelo de apego que a própria criança desenvolverá em seu futuro.

Bowlby (1989), afirma que crianças que tinham experiências de vínculo de forma satisfatória obtinham melhores desempenhos de interação social.

Conclusão

O trabalho não pretendeu esgotar e tornar sinônimos, Teoria do Apego e Carícias. Mas procurou delinear pontos de aproximação para que haja um diálogo no sentido de situar cada vez mais o conceito de Carícias da Análise Transacional no escopo da teoria de desenvolvimento.

Um primeiro ponto a ser observado trata da definição de apego e Carícias. Ambas as definições convergem para dimensionar a importância da relação mãe-bebê no processo de desenvolvimento.

O apego, quando vivenciado pela criança, imprime nesta a segurança necessária para lidar com o mundo externo; de outra forma, quando a criança recebe Carícias ela se alimenta psicologicamente.

Com relação às dimensões da maternidade, considerando os aspectos relacionados a esta, como o corpo, a conjugalidade, as mudanças familiares, os aspectos emocionais e psicológicos, pode-se concluir que a maternidade é um período importante para que as Carícias se expressem. Tanto bebê como mãe e familiares necessitam receber e ofertar Carícias para que a saúde psicológica de todos possa ser salvaguardada. De outra forma, no decorrer da maternidade as Carícias tornam-se importantes porque a mãe, ao tocar e massagear a barriga, conversar com o feto, faz com que ele se sinta acariciado, recebendo atenção e carinho, o que ajuda, conseqüentemente, no desenvolvimento e na construção da personalidade do bebê. (BURGIERMAN, 1998).

Temos, pois, que o conjunto de Carícias é aprendido socialmente e reflete na maternidade, influenciando inclusive na personalidade do bebê.

A Psicologia, portanto, pode contribuir através de estudos, esclarecendo que o apego é o resultado de um conjunto de Carícias adequadas, as quais se tornam essenciais e importantes na relação entre mãe, filho, familiares e/ou cuidadores. Tanto apego como carícias é aprendido, construído durante a vida. Embora sejam conceitos que têm nomes diferentes, verifica-se que a finalidade de ambos é praticamente a mesma, porque suas ações e conseqüências interagem entre si, e para um só fim, o bem-estar do bebê promovendo a manutenção do vínculo afetivo.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Ângela M.S. A representação Social da Saúde num Bairro de Baixa Renda de Campina Grande. Paraíba. In: **Revista Psicologia**, Fortaleza. v.3, n.1, p. 49-61. jan./jun.1985.
- BARBATO, Maria da Penha. **Larousse da gravidez**. São Paulo: Larousse, 2003. 300 p.
- BERNE, Eric. **Sexo e Amor**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- _____. **Análise transacional em psicoterapia**. Trad. Lúcia Helena Cavasin Zabotto. São Paulo: Sumus, 1985.
- BOWLBY, John. **Uma base segura: aplicações clínicas de teoria do apego**. Porto Alegre: Artmed, 1989.
- BURGIERMAN, Denis R. O Feto Aprende. In: **Revista Super Interessante**, São Paulo, ano 12, n. 7, p. 31-37, Jul./1998.
- CARACUSHANSKY, Sophia Rozzanna. **Análise Transacional Aprofundada**. São Paulo: Ibat, 1981.
- CREMA, Roberto. **Análise transacional centrada na pessoa e mais além**. 2.ed São Paulo: Ágora, 1985. 308 p.
- DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à psicologia**. São Paulo: McGraw-Hill, 2001. 798 p.
- GOULDING, Mary McClure; GOULDING Robert L. **Ajuda-te Pela Análise Transacional – A Arte de viver bem com a terapia da redecisão**. 4. ed. São Paulo: Ibrasa, 1985.
- GRANATO, Tania Mara Marques, AIELLO-VAISBERG, Tânia Maria Jose. Ser e Fazer na Maternidade Contemporânea. In: **Rev. Estudos de Psicologia**. PUC-Campinas, v. 20, n. 2, p. 71-76, Maio/Agosto 2003.
- KERTÉSZ, Roberto. **Análise Transacional ao Vivo**. São Paulo: Summus, 1987.
- KLAUS, Marshall H.; KENNEL, John H. **Pais/bebê: a formação do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- LANGER, Marie. **A maternidade e sexo**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- MALDONADO, Maria Tereza. **Maternidade e paternidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1989.

MALDONADO, Maria Tereza, DICKSTEINS, Julio, NAHOUN, Jean Claude. **Nós estamos grávidos**. 10. ed. São Paulo: Saraiva, 208 p. 1997.

MINICUCCI, Agostinho. **Análise Transacional pela imagem**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

OLIVEIRA, Cecília Casali. **O Apego Infantil**. 2003. Disponível em: <http://www.cecasali.hpg.ig.com.br/>. Acesso em: 20 Jul. 2010.

PAPALIA, Diane E; OLDS, Sally Wendkos. **Desenvolvimento humano**. 7.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. 684 p.

PAVESI, Odair. **Alguns aspectos psicológicos da gravidez, parto e puerpério**. 2004.

Disponível em: <www.psicologia.org.br>. Acesso em: 15 Jul. 2009.

PICCININI, Cesar Augusto, et al. Gestação e a Constituição da Maternidade. In: **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 1, p. 63-72, Jan./Mar.2008.

SCAVONE, Lucila. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. In: **Interface-Comunic, Saúde, Educa**. v. 5, n. 8, p. 47-60, 2001.

SMEHA, Luciane Najjar, CALVANO, Lize. O que completa uma mulher. Um estudo sobre a relação entre não-maternidade e vida profissional. In: **Psicol. Argum**. 27 (58), p. 207-217, Jul./Set. 2009.

SPITZ, René A. **O primeiro ano de vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 390 p.

STEINER, Claude M. **Os papéis que vivemos na vida**. A análise transacional de nossas interpretações cotidianas. Artenova, 1976.

TACHIBANA, Miriam, SANTOS, Laise Poterio, DUARTE, Claudia Aparecida Marchetti. O conflito entre o consciente e o inconsciente na gravidez não planejada. In: **Psyche**. ano X. n. 19. São Paulo, p. 149-167. Set.Dez./2006.

TORNQUIST, Carmen Susana. **Armadilhas da Nova Era: natureza e maternidade no ideário da humanização do parto**. In: **Rev. Estudos Femininos**, Ano 10, p. 483-492, 2002.

WOOLAMS Stan; BROWN, Michael. **Manual Completo de Análise Transacional**. São Paulo: Cultrix, 1979.